

Civilização Das Cidades Inteligentes: Territórios, Paisagens E Perspectivas Urbanas

Neila Barbosa Osório¹, Anice De Souza Moura², Aurielly Queiroz Painkow³,
Daniele Pereira Ramos⁴, Ilda Neta Silva De Almeida⁵, George Da Cunha Furtado⁶,
Glauce Gonçalves Da Silva Gomes⁷, Lígia Felix Parrião Matos⁸,
Luiz Sinésio Silva Neto⁹, Maria Lêda Tomazi Fagundes¹⁰,
Marileide Carvalho De Souza¹¹, Marlon Santos De Oliveira¹²,
Rita Mara Mezalira Woicik¹³

Neila Barbosa Osório – Pós-Doutora Em Educação - Universidade Federal Do Tocantins (UFT);
Anice De Souza Moura – Mestranda Em Educação - UFT; Especialização Em Gestão Escolar - PROMINAS;
Aurielly Queiroz Painkow – Doutoranda Em Educação - UFT; Comunicação Social - Habilitação Jornalismo
(Unitins);
Daniele Pereira Ramos – Mestranda Em Ensino Em Ciências E Saúde - Universidade Federal Do Tocantins
(UFT); Enfermagem - Instituto Tocantinense Presidente Antônio Carlos;
Ilda Neta Silva De Almeida – Doutoranda Em Educação - Universidade Federal Do Tocantins (UFT);
George Da Cunha Furtado – Mestre Em Geografia Humana – Universidade Federal De Goiás (UFG);
Glauce Gonçalves Da Silva Gomes – Mestre Em Educação - Universidade Federal Do Tocantins (UFT);
Lígia Felix Parrião Matos – Mestre Em Educação - UFT; Letras/Inglês - ULBRA;
Luiz Sinésio Silva Neto – Pós-Doutor Em Educação Em Saúde - Universidade Federal Do Tocantins (UFT);
Maria Lêda Tomazi Fagundes – Graduada Em Estudos Sociais – UFRS, Pedagogia – UNIRG-TO;
Especialização Em Língua Portuguesa, Gestão Escolar E Psicanálise;
Marileide Carvalho De Souza – Doutoranda Em Educação - UFT; Mestre Em Educação - Universidade Federal
Do Tocantins (UFT);
Marlon Santos De Oliveira – Doutor Em Educação - Universidade Federal Do Tocantins (UFT); Pedagogo -
Faculdade Educacional Da Lapa (Fael);
Rita Mara Mezalira Woicik – Especialista Em Gestão Escolar - Universidade Católica De Brasília (UNB);
Graduação Em Letras Português/Inglês - Universidade Do Oeste De Santa Catarina (UNOESC);

Resumo

Este artigo examina a trajetória histórico-geográfica da urbanização, da sedentarização neolítica às atuais cidades inteligentes, enfatizando a relação dialética entre tecnologia, organização socioeconômica e disputas pelo espaço. Partindo do conceito mumfordiano de “cidade orgânica”, revisita-se a formação das primeiras urbes mesopotâmicas e egípcias, a expansão de impérios territoriais e universais, o florescimento das cidades-estado, a urbanização colonial, a industrialização e a reconstrução modernista do pós-guerra. Na era da globalização informacional, analisam-se cidades globais e megacidades como nós de redes financeiras, migratórias e tecnológicas, revelando contradições de segregação, financeirização e crise ambiental. Por fim, discute-se o paradigma das smart cities, identificando avanços em governança digital, sustentabilidade e participação cidadã, mas também riscos de exclusão digital, gentrificação e aprofundamento de desigualdades. A partir do direito à cidade, propõe-se um modelo de urbanismo inteligente crítico, que concilie inovação tecnológica, justiça socioespacial e justiça ambiental, reconhecendo a diversidade territorial e histórica dos contextos urbanos.

Palavras-chave: *urbanização histórica; cidades inteligentes; direito à cidade.*

Date of Submission: 22-08-2025

Date of Acceptance: 02-09-2025

I. Introdução

“There is freedom within, there is freedom without Try to catch the deluge in a paper cup
There's a battle ahead, many battles are lost
But you'll never see the end of the road while you're travelling with me”

Crowded House - Don't Dream It's Over

Toda cidade carrega uma história única. O estágio atual de uma zona urbana é o resultado de uma sequência de atos de constituição, moldados por eventos, decisões e processos ao longo do tempo. A construção de uma cidade, portanto, é o somatório de suas histórias, fatos, narrativas e edificações. Com o passar dos anos, todos nós, de alguma forma, temos algo a contar sobre a história de uma cidade, seja por experiência própria, na qualidade de testemunha, ou por meio do que ouvimos, revelando aspectos de sua formação, de sua trajetória no tempo e no espaço (CERTEAU, 2014; JACOBS, 2011).

Neste momento, assumo o papel de contador de histórias, assim como os antigos cronistas viajantes, que, ao narrar sobre comunidades desconhecidas, traziam à tona histórias sobre territórios, lugares, paisagens, povos, línguas, sistemas econômicos e culturais. Essas crônicas transcritas refletiam a experiência e a percepção do cronista, revelando a diversidade e complexidade das sociedades e de suas realidades. Ao contar, compartilha-se também os fragmentos de um passado que se perpetua, à medida que novas narrativas são formadas e passadas adiante (CERTEAU, 2014).

Antes de prosseguir, é importante destacar que a história das cidades foi um tema central nos estudos de Lewis Mumford. Ao resgatar a cidade no decorrer da história, Mumford investigou sua genealogia, cultura e estrutura social desde as origens até a contemporaneidade (MUMFORD, 1998). Sua análise revelou que as transformações urbanas são impulsionadas por uma variedade de fatores, como religião, cultura, economia e tecnologia (MUMFORD, 1938).

A partir dessa compreensão, Mumford desenvolveu o conceito de “cidade orgânica”, que representa um ideal de futuro urbano baseado no equilíbrio entre natureza e tecnologia. Para ele, esse modelo seria a chave para superar os cataclismas urbanos contemporâneos, como a desumanização dos espaços, a degradação ambiental e a fragmentação social (MUMFORD, 1938). Sua obra permanece atual ao nos convidar a repensar a cidade como um organismo vivo, em constante adaptação, que deve atender às necessidades humanas sem romper com o meio ambiente.

Se já houve alicerces lançados para essa construção, por que, então, retornar ao tema “história das cidades”? Em primeiro lugar, é preciso afirmar nossa perspectiva. Nossa voz, nossa vivência e nossa sensibilidade nos conferem um olhar próprio, que justifica e legitima esta nova abordagem. Ainda que o tema já tenha sido amplamente explorado, não nos propomos a repeti-lo, tampouco esgotá-lo.

É importante lembrar que a história de uma cidade revela-se como um campo de disputas simbólicas e materiais, onde se desenrolam jogos de poder, conflitos de interesse e tensões sociais. Muitas vezes, a cidade torna-se um verdadeiro campo de batalha, com atores diversos, imersos em polêmicas e sujeitos ao escrutínio da ciência, sendo um locus fecundo para refutação, confronto e validação de teses cidadinas (HARVEY, 2014; CALDEIRA, 2000).

Nosso propósito, porém, não é o litígio. O princípio que orienta esta reflexão é o do diálogo, um diálogo pacífico, que busca compreender os ventos que impulsionam os novos modelos urbanos, suas motivações, seus limites e suas possibilidades (LEFEBVRE, 2009). Ao revisitarmos a história das cidades, não buscamos respostas prontas, mas novas perguntas que nos ajudem a pensar, de forma crítica e sensível, os caminhos do presente e as utopias do futuro.

O ponto de partida deste trabalho é o diálogo com os estudiosos das cidades. Reconhecemos que estamos inseridos em um outro tempo histórico, com novos desafios e perspectivas. Assim, suas contribuições não estão aqui para serem refutadas, mas sim reconhecidas como fundamentais para a constituição do atual estado da arte (HALL, 2016). Foram essas análises que lançaram as bases para compreendermos o urbano em sua complexidade.

É verdade que algumas lacunas foram identificadas ao longo do percurso, mas não pretendemos preenchê-las por completo neste momento. Afinal, o progresso científico não se dá por conclusões definitivas, mas pela continuidade da intenção investigativa. Trata-se de um processo em constante devir, que demanda abertura ao novo, escuta atenta e disposição para construir, coletivamente, novos olhares sobre a cidade (SANTOS, 2012).

ORIGEM DAS CIDADES

Hey now, hey now / Don't dream it's over
Hey now, hey now / When the world comes in They come, they come
To build a wall between us We know, they won't win

Crowded House - Don't Dream It's Over

Como nasceu a cidade? A resposta, embora pareça simples, carrega grande profundidade, pois ela surgiu no próprio curso da evolução humana e está intimamente associada ao fim do nomadismo, mudança radical na lógica de sobrevivência dos povos antigos (CHILDE, 1978; SMITH, 2019).

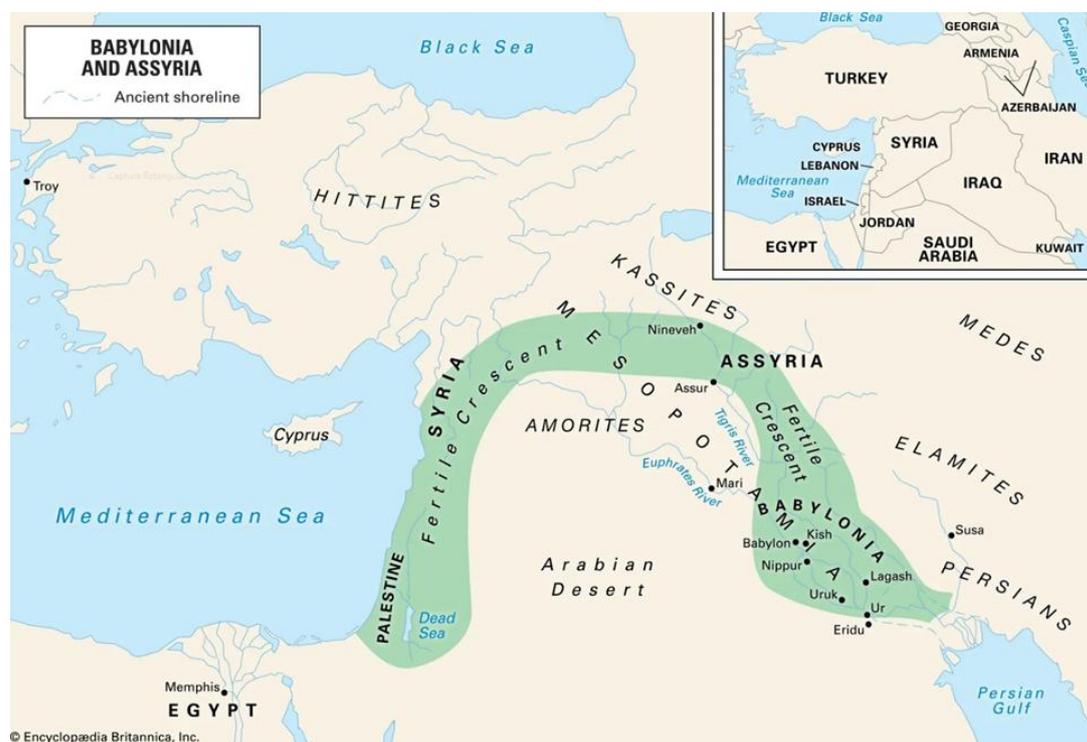
Durante milênios, grupos nômades deslocavam-se em busca de alimento, água e clima favorável. Entre

os exemplos contemporâneos de mobilidade tradicional estão os beduínos do Oriente Médio, os tuaregues do Saara, os mongóis das estepes da Ásia Central, os inuítes do Ártico, os sami da Escandinávia e os aborígenes australianos (SMITH, 2019).

A fundação das primeiras cidades exigiu romper essa lógica de deslocamento contínuo. Com a sedentarização, possibilitada pela Revolução Agrícola ou Revolução Neolítica, iniciada há cerca de 10.000 a.C., surgiram a agricultura, o armazenamento de alimentos e a especialização do trabalho, formando estruturas sociais mais complexas (CHILDE, 1978). A cidade nasce, assim, como espaço fixo que concentra pessoas, atividades e instituições, marcando a transição da simples sobrevivência para a convivência organizada (SMITH, 2019).

A fixação ocorreu, em especial, em terras férteis próximas a grandes rios. Um exemplo emblemático é a Mesopotâmia, conhecida como a “terra entre rios”, Tigre e Eufrates, onde floresceram as primeiras aldeias e, depois, as primeiras cidades (POSTGATE, 1992).

A região mesopotâmica, sobretudo a Suméria, possuía planícies aluviais férteis enriquecidas pelos sedimentos das cheias sazonais. Entretanto, o clima semiárido e as chuvas irregulares exigiram complexas obras de irrigação, como canais, diques e reservatórios, bem como formas incipientes de administração central, que coordenam o trabalho coletivo e distribuem a água (POSTGATE, 1992). Essa combinação de abundância potencial e desafios hídricos moldou a organização social, política e econômica das primeiras civilizações urbanas.



ENCYCLOPÆDIA BRITANNICA, INC. *Babylonia and Assyria*.

Disponível em: <https://kids.britannica.com/kids/article/Babylonia-and-Assyria/352812>. Acesso em: 10 jul. 2025.

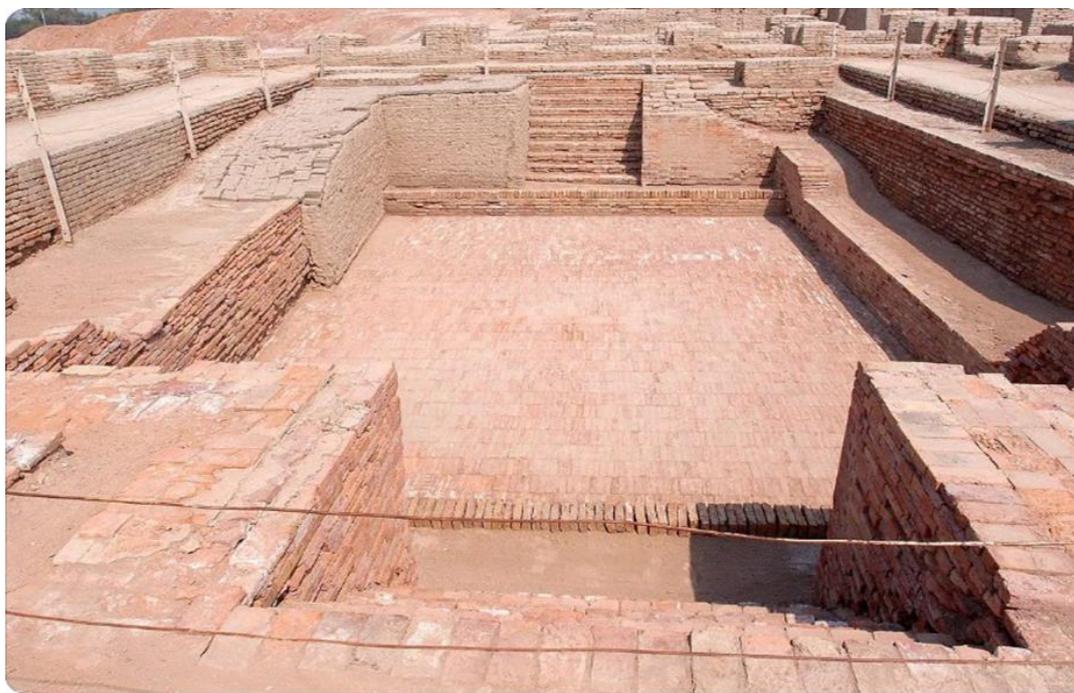
Os assentamentos iniciais, ainda aldeões, evoluíram para proto-cidades como Eridu e Al-Ubaid, impulsionadas pela agricultura irrigada e pelo consequente crescimento populacional (POSTGATE, 1992). Com o acúmulo de excedentes agrícolas, núcleos maiores transformaram-se em centros urbanos. Entre eles, destaca-se Uruk, a leste do Eufrates, muitas vezes citada como a primeira cidade plena da história, cercada por muralhas atribuídas ao lendário rei Gilgamesh (SMITH, 2019).

Outro pólo relevante foi Ur, no sul do atual Iraque. Além do monumental zigurate dedicado ao deus-lua Nanna, Ur tornou-se célebre por sua associação ao patriarca Abraão. Sua posição estratégica junto ao antigo litoral do golfo Pérsico fez dela um centro comercial de grande alcance. Cidades como Lagash e Nippur completam o quadro sumério, exibindo templos, palácios e bairros bem definidos, indícios de sofisticado planejamento urbano e centralização político-religiosa (POSTGATE, 1992).

Assim, a passagem do nomadismo ao sedentarismo, aliada à irrigação e ao excedente agrícola, constituiu o ponto de partida para o florescimento das primeiras cidades e pôs em marcha o longo processo histórico da urbanização humana (CHILDE, 1978, SMITH, 2019).

Cidades Antigas No Mundo

No Egito Antigo, região que abrange o atual Egito e parte do Sudão, o Vale do Nilo se destacava como um verdadeiro oásis linear em meio ao deserto. As cheias anuais do rio Nilo fertilizavam suas margens, proporcionando safras abundantes e permitindo a construção de monumentos arquitetônicos impressionantes, como pirâmides e templos, que simbolizava o poder político e a complexidade organizacional da civilização egípcia (BARD, 2008; MENDONÇA, 2015).



É amplamente considerado um dos primeiros exemplos de arquitetura hidráulica pública no mundo antigo, refletindo a engenharia avançada, o planejamento urbano e a organização social dos Harappanos.

Figura: O Grande Banho de Mohenjo-daro, localizado no atual Sindh, Paquistão, é uma das estruturas mais notáveis da antiga Civilização do Vale do Indo (2600–1900 a.C.). É amplamente considerado um dos primeiros exemplos de arquitetura hidráulica pública no mundo antigo. Disponível em:

https://www.reddit.com/r/ArtefactPorn/comments/1hadrog/the_great_bath_of_mohenjodaro_located_in/?tl=pt-br

Na China Antiga, ao longo dos rios Amarelo (Huang He) e Yangtzé, floresceram sociedades sofisticadas, marcadas por forte centralização política, desenvolvimento agrícola intenso e inovações tecnológicas notáveis, como o uso da seda, a invenção da pólvora e a criação da bússola, legados que continuam a influenciar a China contemporânea (CHILDE, 1994; KENYON, 1979).

Na Mesoamérica, que abrange o atual México, Guatemala e partes de Honduras e El Salvador, civilizações como os olmecas, maias e astecas construíram centros urbanos com pirâmides escalonadas, observatórios astronômicos e calendários extremamente precisos, muitas vezes sem o uso da roda ou de animais de tração, o que demonstra um notável grau de engenharia e conhecimento astronômico (CHILDE, 1994; idem, 1994).

Nos Andes Centrais, englobando regiões que hoje correspondem ao Peru, Bolívia, Equador e partes do Chile, os incas ergueram um império de grande complexidade em meio às montanhas. Cidades como Cusco e Machu Picchu foram conectadas por uma vasta rede de estradas e pontes suspensas, com sistemas avançados de cultivo em terraços e técnicas de irrigação, tudo isso sem a existência de um sistema de escrita formal, mas com o uso engenhoso dos quipus, cordões com nós usados para registrar informações administrativas e contábeis (idem, 1994; JACOBS, 2011).

Essas paisagens, com sua diversidade geográfica e riqueza cultural, revelam como a relação entre o ambiente, a tecnologia e a criatividade moldou as primeiras formas urbanas da história humana (CHILDE, 1994).

Cidades Proto-Históricas

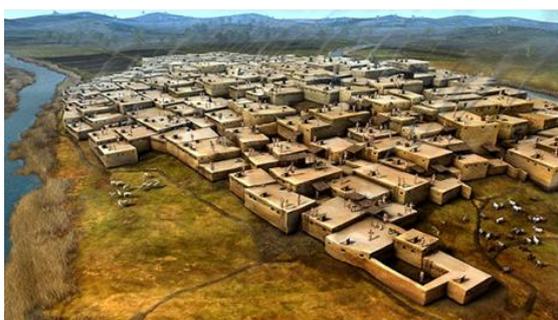
Now I'm towing my car, there's a hole in the roof
My possessions are causing me suspicion, but there's
no proof
In the paper today, tales of war and of waste
But you turn right over to the TV page

Hey now, hey now Don't dream it's over Hey now, hey now
When the world comes in
They come, they come To build a wall between us We know, they won't win

Crowded House - Don't Dream It's Over

Localizado na Anatólia Central, o sítio de Çatalhöyük, situado na atual Turquia, foi uma das maiores comunidades neolíticas conhecidas, caracterizada por uma organização urbana singular. Construída em adobe, a aldeia apresentava casas justapostas e sem ruas, formando um emaranhado arquitetônico em que o deslocamento dos habitantes se dava pelos telhados, acessados por escadas e aberturas no teto. Essa disposição conferia à cidade uma configuração compacta e integrada, revelando um elevado grau de coesão social e adaptação ao ambiente (HODDER, 2006).

O fascinante assentamento de Çatalhöyük, um dos maiores frutos da Revolução Neolítica, Há 9 mil anos, na Anatólia, as pessoas estavam aprendendo como fazer cidades, vivendo sem ruas e no teto.



Redução do assentamento de Çatalhöyük / Crédito: Divulgação/YouTube/History with Cy



Reconstruction of Çatalhöyük showing the importance of the roof spaces. Illustration by John Swogger

Fonte: <https://aventurasnahistoria.com.br/noticias/almanaque/pessoas-que-viviam-no-teto-e-sem-ruas-o-impressionante-assentamento-de-catalhuyuk.phtml>

Cada residência em Çatalhöyük possuía, em média, duas salas, uma voltada às atividades cotidianas, como cozinha e artesanato, e outra destinada ao armazenamento de alimentos e objetos. Os interiores eram cuidadosamente rebocados e mantidos limpos, refletindo a organização e o zelo pelos espaços de habitação (HODDER, 2010; SHILLITO; RYAN, 2013).

Quanto aos rituais funerários, a comunidade enterrava seus mortos sob os pisos das casas ou plataformas, frequentemente com práticas complexas que incluíam decapitação e pintura de crânios, indicando forte preocupação com os ancestrais e simbolismo profundo nas cerimônias (HODDER, 2010; MELLART, 1967).

As paredes internas exibiam pinturas com cenas de animais e figuras femininas que sugerem a existência de espaços de culto ou símbolos comunitários, além de indicarem um caráter espiritual e coletivo na vida da aldeia (HODDER, 2010; FRONTIERS IN DIGITAL HUMANITIES, 2019).

Jericó, situada na fértil região do vale do Jordão e alimentada pela nascente Ein es-Sultan, manteve ocupação contínua desde cerca de 10 000 a.C. As primeiras moradias eram circulares, construídas com tijolos de argila e palha, mediam cerca de cinco metros de diâmetro e tinham cobertura em cúpula de adobe, solução que revela um estilo simples e funcional (KENYON, 1960; NIGRO, 2020). A cidade ergueu um muro de pedra com mais de 3,6 metros de altura e uma torre interna com 22 degraus, considerada o primeiro exemplo de fortificação urbana conhecido (FLETCHER, 2021; WANG et al., 2023). Ao longo do tempo, surgiram casas retangulares de barro com pisos rebocados em cal, frequentemente coloridos, e pátios centrais destinados a atividades comunitárias e rituais, entre os quais se destaca o uso de crânios humanos associado a cultos de ancestralidade (WANG et al., 2023; NIGRO, 2020).

Mênfis, no norte do Egito, próxima ao delta do Nilo, foi estabelecida por volta de 3 100 a.C. pelo faraó Menés, tornando-se a primeira capital do Egito unificado. Sua localização estratégica conectava o Alto e o Baixo Egito, funcionando como entreposto comercial e centro do culto ao deus Ptah, patrono dos artesãos. A proximidade da necrópole de Saqqara, onde se ergue a pirâmide de Djoser, a primeira em degraus, reforça a importância política, religiosa e simbólica de Mênfis para o mundo antigo (KEMP, 2006; MENDONÇA, 2015).

Figura: Pirâmide de Djoser. Arquiteto real: Imhotep. Complexo mortuário - Egito.



Fonte: <https://br.memphistours.com/egito/guia-de-viagem/piramides-do-egito/wiki/saqqara>

Saqqara, também conhecida como Necrópole de Saqqara, foi o principal cemitério da antiga capital egípcia Mênfis. Utilizada por mais de 3.500 anos, abriga o maior sítio arqueológico do Egito, rivalizando em importância com a necrópole de Gizé. Em Saqqara foram enterrados faraós, nobres, generais e outras figuras de destaque do Antigo Reino.

Tebas, localizada no Alto Egito, às margens do rio Nilo, na atual região de Luxor, tornou-se capital durante o Império Médio e atingiu seu apogeu no Império Novo, 1550-1070 a.C., consolidando-se como o principal centro político e religioso do Egito Antigo.

A cidade era consagrada ao culto do deus Amon, posteriormente sincretizado como Amon-Rá, que passou a ocupar posição central no panteão egípcio. Tebas abrigava monumentais complexos religiosos, entre os quais se destacam os templos de Karnak e Luxor, conectados por uma grandiosa avenida ladeada por esfinges (KEMP, 2006; BARD, 2008).

Na margem ocidental do Nilo, situava-se a chamada cidade dos mortos, onde foram escavados túmulos reais nos Vales dos Reis e das Rainhas. Nesses locais, repousam figuras históricas como Tutancâmon e Ramsés II, cuja iconografia funerária e arquitetura continuam a fascinar o mundo moderno. Tal era a magnificência de Tebas que Heródoto, ao visitá-la, a denominou "a cidade das cem portas", em referência à sua monumentalidade e riqueza simbólica (BARD, 2008; CHILDE, 1994).

A complexificação dessas aglomerações urbanas revelava a emergência de estruturas sociais e políticas altamente estratificadas, com funções especializadas atribuídas a diferentes grupos: agricultores, artesãos, sacerdotes, escribas, guerreiros e reis. Estes últimos concentravam poder sobre diversas esferas da vida coletiva, incluindo a administração dos plantios, o controle do comércio, a condução das guerras, o culto religioso e, especialmente, a gestão dos recursos hídricos, fundamentais para irrigação, transporte fluvial e equilíbrio térmico urbano (CHILDE, 1978; MENDONÇA, 2015).

A diversidade geográfica das regiões egípcias exigia o desenvolvimento de tecnologias específicas para garantir a sobrevivência coletiva, como sistemas de diques, canais e cisternas. Essas exigências impulsionaram também a criação de formas de organização burocrática, como a escrita hieroglífica, códigos de leis e sistemas contábeis, possibilitando maior controle ambiental e social (KEMP, 2006; CHILDE, 1994).

Esse processo marca a transição da vida nômade para a Revolução Agrícola, quando a produção de excedentes permitiu que parte da população se dedicasse a outras funções além da agricultura, favorecendo a especialização do trabalho e a complexificação das estruturas sociais. Curiosamente, as primeiras cidades nasceram não do comércio ou da guerra, mas da agricultura e de sua capacidade de gerar excedente, um marco urbano para o surgimento das civilizações e, posteriormente, dos grandes impérios (CHILDE, 1978; DIAMOND, 2005).

Cidades Imperiais

Os impérios territoriais emergiram quando determinadas cidades-Estado, ao consolidarem seu poder político e econômico, expandiram seu domínio sobre vastas regiões e populações. Essa expansão foi viabilizada por meio da conquista militar, da centralização administrativa e da integração cultural, jurídica e econômica dos territórios conquistados (CHILDE, 1978; FRANKOPAN, 2017). Ao incorporarem diferentes etnias e tradições sob uma única autoridade, esses impérios articularam complexas redes urbanas interligadas, com a cidade imperial funcionando como núcleo de poder, comando e redistribuição.

A ascensão de impérios como o Egípcio, o Babilônico, o Assírio, o Persa, o Romano, o Chinês e o Inca exemplifica esse processo de urbanização imperial. Nessas civilizações, as cidades deixaram de ser apenas centros locais e passaram a desempenhar papéis estratégicos na administração de vastos territórios, abrigando palácios, templos, arquivos, arsenais, mercados e sistemas de transporte e comunicação (MUMFORD, 1998; SMITH, 2019). Esses núcleos urbanos tornaram-se símbolos da autoridade central, da hierarquia social e do ideal civilizatório promovido por cada império, influenciando profundamente a cultura material e o imaginário coletivo das populações submetidas.



Figura: Expansão Territorial do Império Romano 27 a.C. a 476 d.C. Fonte: <https://www.portalolhardinamico.com.br/noticia/1287>

Nessa fase, o poder deixou de estar restrito a uma única cidade autônoma e passou a abranger vastos territórios multiétnicos, governados por uma autoridade central, normalmente um imperador ou rei divinizado (CHILDE, 1978; SMITH, 2019). As cidades, antes limitadas a unidades político-religiosas locais, tornaram-se centros de articulação de grandes impérios, funcionando como eixos administrativos, militares e simbólicos de autoridade estatal (MUMFORD, 1998).

A centralização política manifestou-se na consolidação de capitais imperiais como Roma, no Ocidente, ou Ctesifonte, no Oriente Parta, cuja monumentalidade e planejamento refletiam o poder concentrado da administração imperial (HALL, 2016; FRANKOPAN, 2017). A capital funcionava como ponto estratégico de onde emanavam as ordens, as campanhas militares e os tributos, reforçando a hierarquia e o controle sobre populações diversas.

Outro traço dessa etapa foi o desenvolvimento de exércitos permanentes e profissionalizados, como os legionários romanos ou os guerreiros assírios, cujo treinamento e disciplina foram decisivos para a expansão territorial e a contenção de rebeliões (POSTGATE, 1992; SMITH, 2019). Paralelamente, a administração tornou-se mais sofisticada, com registros escritos, censos populacionais, sistemas de impostos e leis codificadas. O Código de Hamurabi, por exemplo, é um marco jurídico da Babilônia que estabeleceu normas rigorosas para a convivência social e a justiça distributiva (CHILDE, 1978).

A unificação religiosa e ideológica foi uma estratégia essencial. No Egito, o culto a Rá e a divinização do faraó funcionavam como instrumentos de coesão simbólica (KEMP, 2006). No Império Romano, o culto ao imperador como uma figura divina era promovido como meio de legitimação do poder e fortalecimento da identidade imperial (HOBSBAWM, 2009).

As obras públicas monumentais, como estradas, aquedutos, muralhas e palácios, exemplificadas pelas vias romanas, os aquedutos de Segóvia, ou a muralha de Adriano, serviam para integrar os territórios, facilitar a circulação de exércitos e bens, e afirmar a presença do poder estatal sobre o espaço urbano (MUMFORD, 1998;

HALL, 2016). Além disso, a integração econômica foi impulsionada por rotas comerciais seguras,

moedas padronizadas e centros mercantis conectados, como atesta o uso das moedas de prata persas (siglos) ou os mercados públicos romanos (fora) (FRANKOPAN, 2017; SMITH, 2019).

Essas características marcaram a consolidação dos impérios territoriais e a redefinição do papel urbano, que passou a funcionar como núcleo estratégico de governo, poder militar e trocas comerciais em escalas continentais.

Cidades Na Globalização Antiga

Now I'm walking again to the beat of a drum
And I'm counting the steps to the door of your heart
Only shadows ahead, barely clearing the roof
Get to know the feeling of liberation and release
Hey now, hey now Don't dream it's over
Hey now, hey now
When the world comes in They come, they come
To build a wall between us You know, they won't win

Crowded House - Don't Dream It's Over

Após a fase dos impérios territoriais, a história urbana avançou para um novo estágio: o dos impérios universais e das civilizações de escala intercontinental. Nesse período, consolidou-se uma expansão imperial que extrapolava fronteiras regionais, promovendo interações entre sociedades distantes e integrando sistemas econômicos, culturais e religiosos em uma rede global embrionária (FRANKOPAN, 2017; SMITH, 2019).

A principal característica desse momento foi a intensificação das relações comerciais, políticas e tecnológicas entre diferentes regiões do globo, com a cidade exercendo um papel centralizador urbano, verdadeiro eixo de articulação entre culturas e centros de poder (MUMFORD, 1998). Os impérios universais se diferenciavam dos anteriores pela extensão territorial e pelo esforço em unificar administrativamente territórios diversos, promovendo intercâmbios culturais e estruturas de controle mais sofisticadas (CHILDE, 1978; LEFEBVRE, 2000).

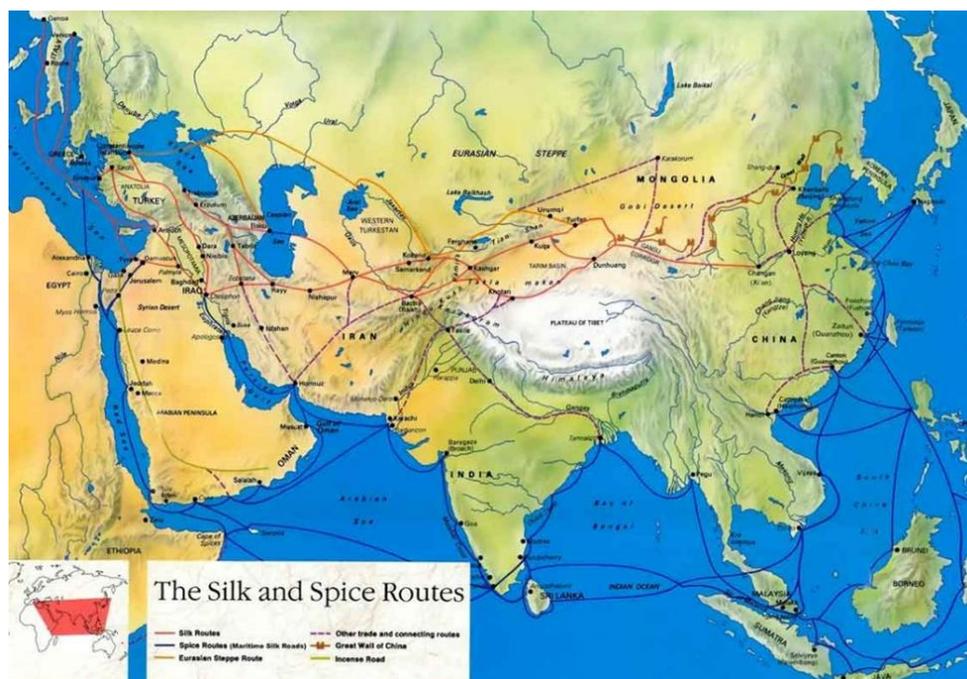
Exemplos notáveis desse tipo de formação política incluem o Império Romano, que articulou o Mediterrâneo por meio de rotas militares e comerciais; o Império Mongol, que conectou a Europa ao Extremo Oriente no século XIII; o Império Chinês, especialmente sob as dinastias Tang e Ming, que consolidaram redes comerciais terrestres e marítimas; e o Império Otomano, que dominou vastas áreas entre Europa, Ásia e África por séculos (FRANKOPAN, 2017; EBREY, 1996; DIAMOND, 2005).

As grandes cidades desse período tornaram-se nós estratégicos de comércio e cultura. Roma, por exemplo, situava-se no centro de uma vasta malha viária e marítima que conectava o norte da África, o Oriente Próximo e toda a Europa (MUMFORD, 1998). Bagdá, capital do califado Abássida, destacou-se como um dos maiores centros de saber e intercâmbio do mundo islâmico, reunindo comerciantes, cientistas e filósofos de diferentes partes da Ásia e do norte da África (FRANKOPAN, 2017). Pequim, especialmente durante a dinastia Ming, tornou-se uma metrópole imperial com forte aparato administrativo e vínculos com as rotas marítimas e terrestres do comércio chinês (EBREY, 1996). Já Istambul (antiga Bizâncio e Constantinopla), capital do Império Otomano, exerceu papel central na ligação entre a Europa e a Ásia, sendo um dos maiores centros urbanos do mundo entre os séculos XV e XVII (FRANKOPAN, 2017).

Essas cidades não eram apenas centros comerciais, mas também espaços de convivência cultural, onde religiões, idiomas, ideias filosóficas, inovações científicas e formas artísticas se encontravam e se transformavam (SMITH, 2019). Produtos como seda, porcelana, especiarias, metais preciosos e manuscritos circulavam entre essas urbes, acompanhados de valores religiosos, práticas médicas e técnicas agrícolas.

Um dos maiores exemplos dessa integração foi a Rota da Seda, que conectava a China, através da Ásia Central, ao Oriente Médio e ao Mediterrâneo. Essa rede de caminhos terrestres e marítimos escoava mercadorias e viabilizava a circulação de pessoas, saberes e tecnologias, promovendo a sinergia entre culturas muito distintas (FRANKOPAN, 2017; DIAMOND, 2005).

Rotas Comerciais Marítimas e Terrestres das Sedas e das Especiarias entre Oriente e Ocidente



Fonte: Silk-Route in <https://www.scribd.com/document/523154642>

Ao longo dessas rotas, circulavam mercadorias e inovações tecnológicas como o papel, a imprensa, originários da China, assim como as técnicas de fabricação de vidro desenvolvidas no Império Romano, as máquinas e engenharias avançadas também utilizadas pelos otomanos.

A transmissão de saberes entre diferentes culturas contribuiu significativamente para o progresso das ciências, incluindo astronomia, medicina e matemática, todas amplamente aprimoradas por meio desses intercâmbios (FRANKOPAN, 2017).

A integração religiosa e cultural foi outro traço marcante desse período, especialmente em impérios como o Romano, o Bizantino e o Mongol. O Império Romano adotou inicialmente uma política religiosa pluralista, mas mais tarde consolidou o cristianismo como religião oficial, o que unificou seus vastos territórios sob uma mesma fé (MUMFORD, 1998). No Império Bizantino, o cristianismo permaneceu central, enquanto Constantinopla tornou-se um ponto de convergência entre as tradições helênicas, romanas e orientais (SMITH, 2019). O Império Mongol destacou-se pela tolerância religiosa, permitindo a convivência entre budismo, islamismo, cristianismo e xamanismo, o que resultou em um ambiente de intercâmbio cultural e espiritual sem precedentes (DIAMOND, 2005).

Roma localizava-se na península Itálica, às margens do rio Tibre, em uma posição privilegiada que facilitava o acesso ao norte da África, à Europa continental e ao Oriente Próximo. Sua proximidade com o Mar Mediterrâneo fazia dela um ponto estratégico para o comércio e a circulação de saberes. A rede de estradas romanas permitia rápida comunicação entre as províncias, consolidando Roma como centro do império (CHILDE, 1978).

Bagdá, fundada no século VIII durante o califado Abássida, localizava-se entre os rios Tigre e Eufrates, em uma região historicamente propícia à convergência de culturas. Integrada à Rota da Seda, a cidade se tornou um dos maiores centros de saber do mundo islâmico, com bibliotecas e instituições como a Casa da Sabedoria (FRANKOPAN, 2017).

Damasco, no sudeste da atual Síria, situava-se em um oásis fértil que servia como entreposto entre o mundo árabe, o Império Bizantino e as rotas que levavam à Pérsia. Durante o califado Omiada, foi capital imperial e desempenhou papel fundante na difusão de inovações técnicas, religiosas e culturais (MUMFORD, 1998).

Pequim, capital chinesa, localiza-se ao norte do país, entre as planícies setentrionais e as cadeias montanhosas centrais. Durante as dinastias Tang e Ming, consolidou-se como centro político e cultural, sendo ponto de partida para o intercâmbio de inovações como a pólvora e a imprensa. A cidade também mantinha forte ligação com as rotas comerciais terrestres e marítimas que atravessavam a Ásia (EBREY, 1996).

O avanço das civilizações após os impérios territoriais conduziu ao surgimento dos impérios universais, estruturas políticas que buscaram integrar diversas regiões em redes amplas de comércio, cultura e poder. As cidades deixaram de ser apenas centros administrativos e tornaram-se verdadeiros nós de interações complexas entre povos e culturas (SMITH, 2019).

Essas cidades foram também centros de confluência religiosa e tecnológica, desempenhando papéis geoestratégicos cruciais na formação das grandes civilizações antigas. As condições geográficas específicas de cada uma contribuíram diretamente para seu crescimento e influência, estabelecendo dinâmicas que ainda moldam as metrópoles contemporâneas (MUMFORD, 1998).

Após esse estágio de integração global, novas transformações políticas e comerciais emergiram com o declínio dos impérios universais. Em algumas regiões, houve descentralização do poder, enquanto em outras a expansão colonial deu origem a impérios transcontinentais. Esse processo moldou uma nova geografia urbana e política que se refletiu na organização das cidades e nas relações entre elas (LEFEBVRE, 2000).

Durante o período medieval, sobretudo após a queda de impérios como o Romano e o Bizantino, assistiu-se ao surgimento das cidades-estado. Esse fenômeno foi especialmente evidente na península Itálica, onde centros como Veneza, Florença e Gênova se tornaram potências econômicas, culturais e políticas independentes (HALL, 2016).



Geograficamente, essas cidades estavam localizadas em áreas estratégicas, Veneza, assentada em um arquipélago na lagoa de Veneza, ocupava posição privilegiada no mar Adriático, o que facilitava seu papel como elo entre o comércio do Oriente e do Ocidente, especialmente durante as Cruzadas e as rotas da seda marítima (MUMFORD, 1998).

Florença, localizada no coração da Toscana, destacou-se como um centro de poder bancário e florescimento artístico, sendo berço do Renascimento, com forte influência de famílias como os Medici, que investiram em obras públicas e patrocinaram artistas como Michelangelo e Leonardo da Vinci (HALL, 2016). Gênova, com seu porto estratégico no mar da Ligúria, consolidou-se como potência naval e comercial, competindo diretamente com Veneza pelo controle do Mediterrâneo (SMITH, 2019).

Essas cidades-estado eram marcadas por grande autonomia política e administrativa, com formas de governo independentes, como a república de Veneza, liderada por um Doge, e Florença, cuja estrutura política foi moldada por oligarquias mercantis. A fragmentação do poder e o dinamismo comercial transformaram essas cidades em polos de inovação cultural, técnica e científica (CHOAY, 2006).

O exemplo clássico das cidades-estado também pode ser observado na Grécia Antiga, onde Atenas se destacou por seu modelo democrático e produção cultural, enquanto Esparta se organizava como uma sociedade militarista, centrada na disciplina e no expansionismo (CHILDE, 1978).

Essas cidades operavam com economias locais baseadas em comércio marítimo, produção artesanal e agricultura especializada, gerando redes de trocas comerciais e culturais com outras regiões. A intensa circulação de mercadorias, ideias e pessoas possibilitou avanços significativos nas ciências, nas artes e na filosofia, além de fortalecer a identidade urbana e a rivalidade entre centros concorrentes (LEFEBVRE, 2000).

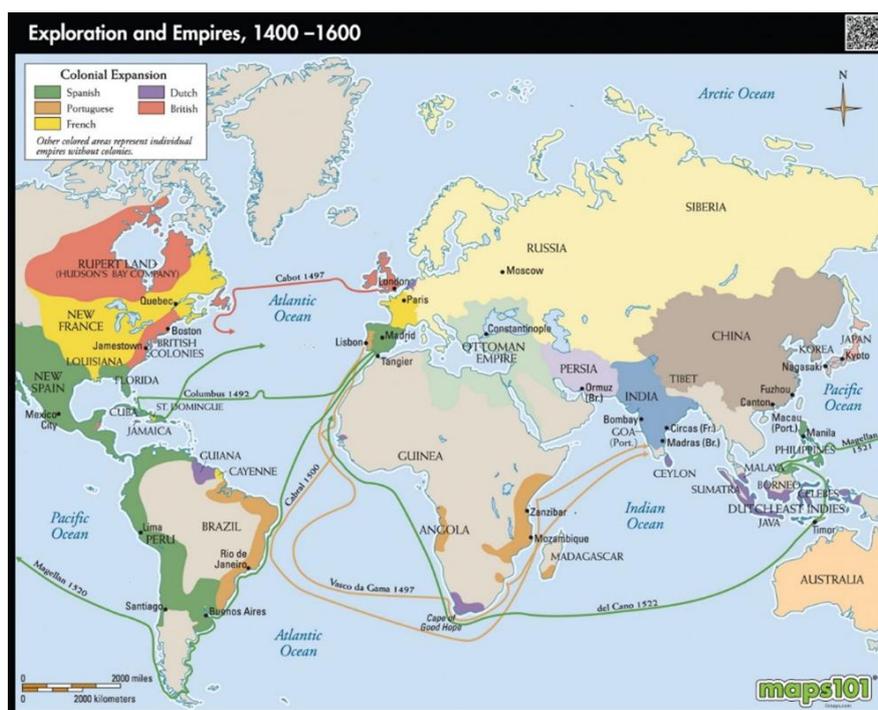
Cidades Na Expansão Colonial

A expansão colonial, entre os séculos XV e XVIII, marcou uma nova etapa na formação urbana global. Impulsionadas por interesses comerciais, religiosos e estratégicos, potências como Portugal, Espanha, França, Inglaterra e Países Baixos lançaram-se à conquista de territórios ultramarinos, estabelecendo feitorias, colônias e cidades portuárias em todos os continentes (BOXER, 2002).

As cidades coloniais foram projetadas para servir aos interesses metropolitanos, funcionando como centros de extração de riquezas, evangelização, administração e controle militar. Essa expansão reconfigurou a geografia urbana mundial, introduzindo novos padrões arquitetônicos, sistemas de planejamento e modos de vida urbanos europeus em territórios antes organizados de forma diversa (PORTER, 2011).

As metrópoles coloniais eram conectadas por rotas marítimas transcontinentais, possibilitando o intercâmbio de produtos como ouro, açúcar, especiarias, escravizados e tecidos, além da disseminação de modelos culturais e linguísticos.

Cidades como Lisboa, Sevilha e Amsterdã tornaram-se centros neurálgicos do comércio global e acumuladores de riqueza obtida nas colônias (BRAUDEL, 1997). Ao mesmo tempo, nas Américas, na África e na Ásia, surgiram cidades coloniais como Salvador, Cartagena, Luanda e Goa, caracterizadas por sua função estratégica e sua arquitetura híbrida, resultado da fusão entre elementos locais e europeus (CALDEIRA, 2000).



Esses países passaram a explorar e estabelecer colônias em várias partes do mundo, incluindo África, Ásia e Américas, ampliando suas fronteiras e criando um novo sistema global de comércio e poder (BOXER, 2002).

As cidades portuárias europeias, entre elas Lisboa, Sevilha, Londres e Amsterdã, transformaram-se em centros estratégicos de comércio e finanças, localizadas em regiões costeiras que permitiam o controle de rotas marítimas e favoreciam a expansão ultramarina (BRAUDEL, 1997).

Esses portos funcionaram como nós de interconexão global, conectando continentes e possibilitando a circulação de mercadorias, ideias e culturas, de modo que Lisboa serviu como ponto de partida para expedições rumo ao Brasil e à Índia, enquanto Amsterdã consolidou uma poderosa frota mercante e um sistema bancário pioneiro (PORTER, 2011).

As colônias nas Américas espanholas e portuguesas tornaram-se fontes de ouro, prata e açúcar, fluxos que enriqueceram as metrópoles europeias e intensificaram o comércio atlântico (FRANKOPAN, 2017).

Esse período inaugurou uma forma precoce de globalização, com trocas de produtos e também de tecnologias, conhecimentos e práticas culturais, embora sustentado pela exploração de povos indígenas e africanos, cujas consequências permanecem visíveis (CALDEIRA, 2000).

A Revolução Industrial, iniciada no fim do século XVIII e intensificada no XIX, provocou profundas Transformações urbanas, impulsionadas por inovações tecnológicas, produtivas e econômicas, e por intensos fluxos migratórios do campo para a cidade (HOBSBAWM, 2009).

Cidades como Manchester, Londres, Chicago e Nova York exemplificam essa mudança, pois Manchester liderou a indústria têxtil, Londres consolidou-se como centro global de finanças, enquanto Chicago e Nova York receberam grandes complexos industriais e desenvolveram extensas redes de transporte ferroviário e metroviário (ENGELS, 2010).

A época foi marcada pela construção de fábricas, ferrovias, pontes e pela eletrificação dos centros urbanos, mas também gerou problemas graves de superlotação, moradias precárias e desigualdades sociais (THOMPSON, 1987).

Apesar disso, as cidades industriais tornaram-se polos de inovação e produção em massa, criando novos empregos e estilos de vida, além de modificar valores sociais, relações de classe e formas de organização política, fomentando movimentos trabalhistas por melhores condições de vida (MUMFORD, 1998).

No final do século XIX e início do XX, o avanço contínuo da eletricidade, dos sistemas de esgoto, do abastecimento de água e dos transportes ampliou a urbanização acelerada, elevando densidades populacionais e estimulando migrações internas em busca de trabalho e melhores condições de vida (SANTOS, 2008).

Surgiram então os subúrbios, conectados ao centro por bondes elétricos, metrô e ferrovias, e consolidou-se a setorização urbana em zonas industriais, comerciais e residenciais, reorganizando o espaço das cidades (HALL, 2016).



Na esteira da construção de cidades, Berlim tornou-se polo industrial e tecnológico alemão, Paris foi reformada por Haussmann com avenidas largas e saneamento moderno, São Paulo atraiu imigrantes europeus e japoneses e consolidou-se como maior centro industrial brasileiro, enquanto Buenos Aires modernizou-se com infraestrutura portuária e arquitetura de influência europeia (MUMFORD, 1998).



A velha Paris - Fotografia de Charles Marville <https://revistas.ufg.br/historia/article/view/68281>
Puerto Madero - Eng. Eduardo Madero - La Plata <https://aguiarbuenosaires.com/puerto-madero/>

Essa fase também testemunhou o surgimento da sociedade de massas, marcada por novos padrões de consumo, formas de comunicação e práticas de lazer coletivo (HOBBSAWM, 2009). Surgiram ainda espaços públicos destinados ao lazer coletivo, como parques, estádios e feiras, que passaram a compor a paisagem das cidades industriais em expansão (MUMFORD, 1998).

Característica marcante do crescimento urbano é o crescimento da classe trabalhadora, aliado ao aumento da alfabetização, que ampliou o acesso à cultura escrita e visual, e impulsionou a circulação de jornais populares, a expansão do mercado editorial e a difusão do cinema como principal forma de entretenimento urbano (THOMPSON, 1987).

Paralelamente, esse contexto favoreceu o fortalecimento de mobilizações políticas e sociais organizadas, como sindicatos, partidos operários e movimentos populares, que passaram a atuar na reivindicação de direitos trabalhistas, habitação digna e serviços urbanos básicos (LEFEBVRE, 2001).

Essas pressões influenciaram diretamente a configuração das políticas urbanas, contribuindo para o surgimento de modelos de planejamento voltados à melhoria das condições de vida nas cidades modernas (HARVEY, 1992).

Cidades No Pós-Guerra

Don't let them win (hey now, hey now)

Hey now, hey now Hey now, hey now

Don't let them win (they come, they come) Don't let them win (hey now, hey now), yeah

Hey now, hey now

Hey

Crowded House - Don't Dream It's Over

O século XX foi profundamente marcado pelos impactos das duas guerras mundiais, especialmente entre 1914 e 1918 e entre 1939 e 1945, que provocaram destruição em larga escala de cidades, infraestruturas e centros urbanos inteiros, sobretudo na Europa e em partes da Ásia (HOBSBAWM, 2009).

As consequências urbanas foram catastróficas, com bairros inteiros arrasados por bombardeios, milhões de pessoas desabrigadas e cidades que precisaram ser quase totalmente reconstruídas, como Varsóvia, Berlim, Dresden, Hiroshima e Nagasaki (CHOAY, 2006).

No cenário do pós-guerra, especialmente a partir de 1945, surgiu uma necessidade urgente de reconstrução urbana, que impulsionou o desenvolvimento de novas propostas de planejamento e organização do espaço urbano.

Nesse contexto, destacou-se o urbanismo modernista, cujas diretrizes foram fortemente influenciadas pelas ideias do arquiteto franco-suíço Le Corbusier. Ele propunha cidades funcionais e racionais, com zonas claramente definidas para moradia, trabalho, lazer e circulação, visando uma cidade mais higiênica e eficiente (HOLSTON, 1993).

Uma das marcas mais evidentes dessa fase foi o modelo da cidade vertical, caracterizado pela construção de grandes blocos residenciais, arranha-céus, vias expressas e pela separação física entre pedestres e veículos.

Esse modelo norteou experiências como a reconstrução dos arredores de Paris (banlieues), o projeto urbanístico de Brasília e a expansão de cidades como Nova York, Chicago e Los Angeles, que adotaram uma lógica de crescimento baseada na verticalização e no uso intenso de automóveis (HALL, 2016).

Esses modelos pretendiam romper com a desordem e insalubridade herdadas das cidades do século XIX, promovendo um espaço urbano mais ordenado, moderno e adaptado à nova realidade industrial e tecnológica (MUMFORD, 1998).

Contudo, ao longo do tempo, surgiram críticas à desumanização dos projetos modernistas, à homogeneização das periferias, à segregação socioespacial e à perda de identidade dos espaços urbanos (LEFEBVRE, 2001). Apesar disso, o urbanismo modernista moldou de forma duradoura o espaço físico e a lógica funcional das cidades contemporâneas (HARVEY, 1992).

Cidades Na Globalização

On a dark desert highway, Cool wind in my hair

Warm smell of colitas, rising up through the air Up ahead in the distance, I saw a shimmering light My head grew heavy and my sight grew dim

I had to stop for the night

Hotel Califórnia - Eagles

A partir do final do século XX, as cidades ingressaram em uma nova etapa marcada pela intensificação da globalização, pela revolução informacional e pela crescente integração econômica mundial (SASSEN, 2001).

Nesse novo contexto, os centros urbanos deixaram de funcionar apenas como locais de produção ou consumo e passaram a se constituir como nós estratégicos em redes globais de circulação de capital, informações, pessoas e tecnologias (CASTELLS, 1999).

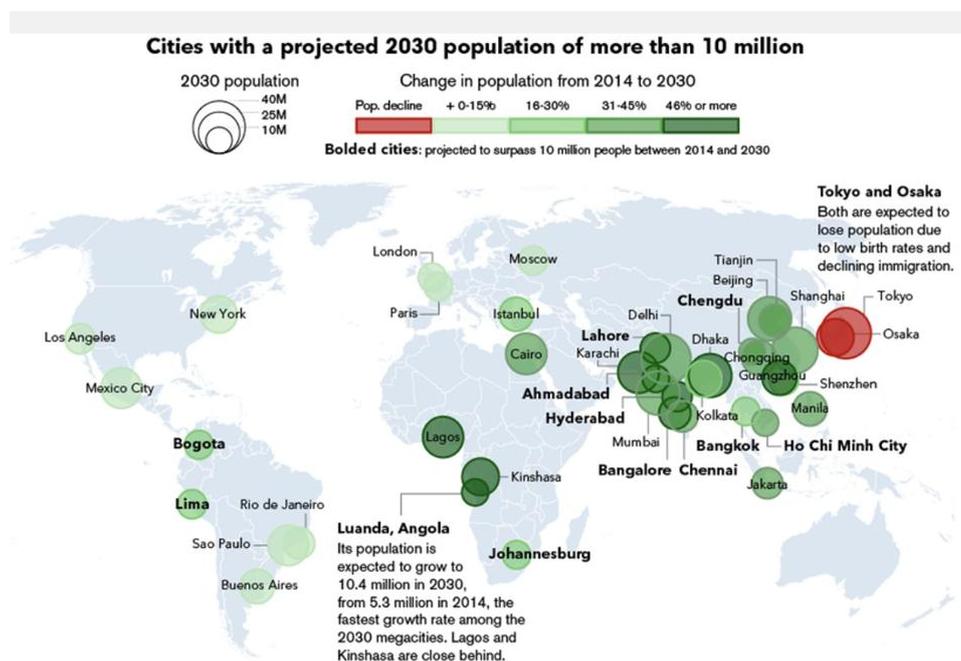
Esse processo resultou no surgimento das chamadas cidades globais, termo cunhado por Saskia Sassen para designar metrópoles que exercem papel central nas dinâmicas econômicas e políticas transnacionais, articulando finanças, serviços avançados, cultura e governança global (SASSEN, 2001).

Cidades como Nova York, Tóquio, Xangai, São Paulo, Londres e Cingapura exemplificam essa nova configuração, atuando como centros de comando das atividades econômicas mundiais, sedes de empresas multinacionais, bolsas de valores e instituições internacionais (CASTELLS, 1999; HALL, 2016).

A urbanização nesse contexto tornou-se acelerada, e também desigual, marcada pela ampliação das disparidades socioespaciais, pela financeirização da moradia e pelo fortalecimento de uma elite transnacional

urbana (HARVEY, 2005).

Ao mesmo tempo, a presença global dessas cidades também as torna alvos privilegiados de fluxos migratórios, manifestações culturais híbridas e disputas territoriais por visibilidade, pertencimento e direitos urbanos (LEFEBVRE, 2001).



Elaboração: Alex Tribou / Bloomberg 2022.

Essas cidades assumem funções centrais na gestão de empresas multinacionais, no mercado financeiro global e em infraestruturas tecnológicas avançadas, como centros de dados, redes de telecomunicação e sistemas logísticos intercontinentais, além de concentrar poder político, mídia, universidades de prestígio e eventos de alcance internacional, o que atrai investimentos, turistas, migrantes e profissionais altamente qualificados e expande sua influência para além das fronteiras nacionais (SASSEN, 2001, CASTELLS, 1999).

Paralelamente, consolidaram-se as megacidades, aglomerações com mais de dez milhões de habitantes, muitas vezes situadas em países emergentes, como Mumbai, Cidade do México, Jacarta e Lagos, que enfrentam desafios estruturais significativos, entre eles crescimento desordenado, precariedade nos serviços básicos e ampliação das desigualdades socioeconômicas (SMITH, 2019).

O modelo urbano contemporâneo, embora conectado e dinâmico, convive com tensões internas, como segregação socioespacial, em que bairros de elite hiperconectados coexistem com periferias marginalizadas, processos de gentrificação que deslocam populações vulneráveis de áreas valorizadas, crise ambiental crescente, manifestada em poluição, ilhas de calor, escassez hídrica e perda de biodiversidade, além da complexidade da governança urbana, que exige articulação entre diferentes níveis de governo, setor privado e sociedade civil (SANTOS, 2008, HARVEY, 1992).

Em síntese, no contexto da globalização, as cidades transformaram-se em atores globais que moldam economia, cultura e política internacionais, ao mesmo tempo em que enfrentam desafios que requerem soluções colaborativas, sustentáveis e inovadoras para garantir qualidade de vida urbana (LEFEBVRE, 2001, HALL, 2016).

Cidades Inteligentes

There she stood in the doorway; I heard the mission bell
And I was thinking to myself, 'this could be heaven or this could be hell'
Then she lit up a candle And she showed me the way
There were voices down the corridor, I thought I heard them say... Welcome to the hotel california
Such a lovely place Such a lovely face
Plenty of room at the hotel california
Any time of year, You can find us here
Her mind is tiffany-twisted, She got the mercedes bends
She got a lot of pretty, pretty boys,
That she calls friends

Hotel Califórnia - Eagles

Após a fase das metrópoles globais e da urbanização acelerada impulsionada pela globalização, a história urbana adentrou uma nova etapa, marcada pelo surgimento das cidades inteligentes (smart cities) e pelo fortalecimento da agenda da urbanização sustentável.

Iniciado no século XXI, esse processo tem sido guiado pela convergência entre inovações tecnológicas, os desafios ambientais crescentes e as novas exigências de inclusão social, dando origem a modelos urbanos mais resilientes, conectados e comprometidos com a justiça socioespacial (CASTELLS, 1999; SASSEN, 2001; HALL, 2016).

Três tendências principais moldam essa transformação: a digitalização dos sistemas urbanos, a necessidade de adaptação à crise climática e a promoção da equidade e da participação cidadã no planejamento urbano (LEFEBVRE, 2001; HARVEY, 2012).

Com a expansão de tecnologias como big data, inteligência artificial, sensoriamento remoto, redes 5G e a Internet das Coisas (IoT), as cidades passaram a incorporar dispositivos e plataformas digitais para gerir mobilidade, energia, segurança, saneamento, saúde e outros serviços públicos de forma mais eficiente (RABARI; STORPER, 2015).

Exemplos como Barcelona ilustram essa nova fase. A cidade espanhola, situada na costa nordeste da Península Ibérica, próxima ao Mar Mediterrâneo, tornou-se referência internacional em políticas urbanas inteligentes, com investimentos em mobilidade elétrica, gestão de dados urbanos, transparência pública e redes de sensores conectados, que monitoram e otimizam desde o consumo de energia até a coleta de resíduos (BATY; MILLARD, 2019; HOLLANDS, 2008).



Vista aérea de Barcelona e Vista Costeira.

Fonte: <https://stock.adobe.com/br/images/barcelona-barselona-regular-city-aerial-view-city>

A capital catalã, Barcelona, implementou sensores para controle da iluminação pública, irrigação de áreas verdes com base em dados climáticos e sistemas de estacionamento inteligente, reduzindo significativamente o tempo de busca por vagas e, com isso, as emissões de carbono (DATA-SMART CITY SOLUTIONS, 2015).

Copenhague, capital da Dinamarca, é reconhecida por seu planejamento urbano sustentável e tecnologia verde, com uma vasta rede de ciclovias inteligentes, iluminação adaptativa e monitoramento digital da qualidade do ar, além de metas ambiciosas de neutralidade de carbono até 2025 (CARBON NEUTRAL CITIES ALLIANCE, 2012).

Seul, na Coreia do Sul, investiu em uma infraestrutura tecnológica urbana altamente avançada, com destaque para o governo digital e plataformas de participação cidadã, além de transporte público integrado e monitoramento inteligente de tráfego (METROPOLIS, 2020).

Singapura, por sua vez, tornou-se modelo em eficiência urbana ao utilizar inteligência artificial no controle de tráfego, habitações inteligentes subsidiadas, sensores hídricos e sistemas subterrâneos automatizados de coleta de lixo (INTELLISTRIDE, 2024).

No Brasil, São Paulo e Curitiba destacam-se por suas iniciativas rumo à digitalização urbana. A capital paulista implantou sistemas inteligentes de monitoramento viário e revitalização de áreas centrais com foco em mobilidade e acessibilidade, enquanto Curitiba consolidou-se como referência em planejamento urbano integrado desde a década de 1970, sendo uma das pioneiras na implementação de BRTs e coleta seletiva automatizada (CURITIBA, 2022).

Recife investe em tecnologia para monitoramento de áreas sujeitas a alagamentos (RECIFE, 2025), e Porto Alegre tem se destacado por plataformas participativas como o Colab e o Orçamento Participativo Digital (COLAB, 2023). Essas experiências demonstram que as cidades inteligentes vão além da automação, utilizando o digital como estratégia para melhorar a gestão pública, promover a sustentabilidade ambiental e garantir maior qualidade de vida, respeitando as especificidades locais (CASTELLS, 1999; SASSEN, 1998).

Diante do agravamento da crise climática global e da intensificação de desastres ambientais como enchentes, secas e deslizamentos, a sustentabilidade urbana tornou-se um pilar do planejamento contemporâneo (ACSELRAD, 2009). A agenda das cidades sustentáveis enfatiza soluções baseadas na natureza, energias renováveis, mobilidade de baixo carbono e participação popular (LEFEBVRE, 2001; HARVEY, 2012).

Estocolmo e Vancouver são referências internacionais em urbanismo verde, integrando transporte limpo, preservação ambiental e metas de neutralidade de carbono (CITY OF STOCKHOLM, 2018; CITY OF VANCOUVER, 2011). No Brasil, além de Curitiba, cidades como Belo Horizonte e Fortaleza têm buscado soluções resilientes.

A capital mineira aposta em drenagem sustentável e parques lineares para combater enchentes (BELO HORIZONTE, 2024), enquanto Fortaleza desenvolve um plano de mobilidade com ciclovias, corredores de ônibus e arborização adaptada ao semiárido (FORTALEZA, 2023).

Essas iniciativas indicam que o enfrentamento da crise climática urbana requer abordagens territoriais integradas, sensíveis às condições locais e comprometidas com justiça socioambiental e inovação sustentável (ACSELRAD, 2009; MARICATO, 2011).

Direito À Cidade

How they dance in the courtyard,
Sweet summer sweat. Some dance to remember, Some dance to forget
So I called up the captain: 'please bring me my wine'
He said,
'we haven't had that spirit here Since nineteen sixty nine'
And still those voices are calling from far away, Wake you up in the middle of the night
Just to hear them say...

Hotel Califórnia - Eagles

Paralelamente ao avanço das tecnologias urbanas e da digitalização, tornaram-se cada vez mais evidentes profundas desigualdades estruturais nas cidades contemporâneas, manifestadas em exclusão digital, gentrificação, déficit habitacional, acesso desigual a serviços públicos e precarização das periferias (CASTELLS, 1999; MARICATO, 2011; SANTOS, 2008).

Nesse contexto, ganha força o conceito de direito à cidade, formulado por HENRI LEFEBVRE e reelaborado por DAVID HARVEY, segundo o qual todos os habitantes, e não apenas as elites econômicas ou os governos, devem influir efetivamente na produção, uso e transformação do espaço urbano (LEFEBVRE, 2001; HARVEY, 2014).

Essa perspectiva alimenta uma nova geração de políticas públicas que buscam conciliar inclusão social, participação cidadã e justiça espacial, sem abrir mão da inovação tecnológica e da sustentabilidade ambiental, de modo a garantir que os benefícios das smart cities alcancem também as populações mais vulneráveis (CHOAY, 2006; HOLSTON, 1993).

Entre os desafios centrais, destaca-se o combate à segregação socioespacial e aos processos de gentrificação que expulsam moradores de baixa renda de áreas valorizadas (CALDEIRA, 2000; LEES; SLATER; WYLY, 2008).

Na América do Sul, multiplicam-se iniciativas nessa direção. Em Medellín, Colômbia, a instalação de escadas rolantes urbanas e teleféricos nas encostas, historicamente marginalizadas, melhorou a conectividade entre favelas e áreas centrais, enquanto parques-biblioteca em bairros periféricos combinam cultura, inclusão e requalificação urbana (SISTEMA DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS DE MEDELLÍN, 2011; AMUSING PLANET, 2015).





Teleférico em Medellín - Colômbia; Bibliotecas Públicas - Colômbia; Escada Rolante em Medellín - Colômbia. Fonte: <https://www.researchgate.net>

Tais experiências ilustram como o direito à cidade pode se materializar em intervenções que ampliam a mobilidade, fortalecem a cidadania e reduzem disparidades territoriais, orientando-se por princípios de equidade e participação popular (HARVEY, 2012; LEFEBVRE, 2001).

Em Medellín, o Parque Biblioteca Fernando Botero integra um plano de desenvolvimento voltado à transformação de San Cristóbal, revitalizando a área por meio de espaços culturais e serviços públicos, com foco em atender demandas sociais de uma comunidade de baixa renda historicamente excluída dos investimentos públicos (ARCHDAILY, 2012; ARCHITECTURAL RECORD, 2012).

No Brasil, Recife criou o Gabinete de Transformação Digital para ampliar acesso à internet, serviços eletrônicos e formação tecnológica nas periferias (RECIFE, 2025). Em São Paulo, iniciativas de orçamento participativo, urbanismo tático e ocupações culturais em zonas centrais degradadas buscam ampliar a participação cidadã e reverter processos de exclusão (SÃO PAULO, 2024; OBSERVATÓRIO DAS METRÓPOLES, 2023).

Buenos Aires também investe em dados abertos e plataformas digitais participativas, além de regular o mercado imobiliário para conter a gentrificação de bairros populares como San Telmo e La Boca (BUENOS AIRES, 2025). A gentrificação brasileira é evidente em grandes metrópoles: em São Paulo, bairros como Vila Madalena e Pinheiros passaram de áreas de uso misto a zonas de alto padrão, elevando valores imobiliários e deslocando moradores originais (RINALDI, 2024; RODRIGUES ALVES, 2024).

A requalificação do centro paulistano, sobretudo nas proximidades da Cracolândia, repete o padrão de revitalização sem inclusão efetiva (CALDEIRA, 2000; MARICATO, 2011). No Rio de Janeiro, a Lapa viu valorização acelerada e substituição de moradores tradicionais após novos investimentos culturais e gastronômicos (MONTEIRO, 2014).

Santa Teresa seguiu trajetória semelhante, com alta de preços e chegada de turistas e novos residentes de maior renda (SILVA; OLIVEIRA, 2012). Em Belo Horizonte, Savassi e áreas centrais passam por dinâmicas semelhantes, impulsionadas pelo setor de entretenimento e novos empreendimentos (SANTOS, 2024).

Recife apresenta casos como Boa Viagem, transformada em destino turístico de luxo, e Santo Amaro, onde projetos de revitalização deslocam moradores de baixa renda (LEÃO; BRITO, 2018). Porto Alegre testemunha processos em Vila Flores e Cidade Baixa, onde investimentos culturais e imobiliários elevam preços e pressionam antigos residentes (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 2023).

Tais dinâmicas confirmam análises sobre gentrificação como processo de deslocamento de populações vulneráveis em nome da valorização urbana (LEES; SLATER; WYLY, 2008). À luz do direito à cidade, proposto por LEFEBVRE e ampliado por HARVEY, torna-se central assegurar poder decisório aos habitantes na produção do espaço urbano (LEFEBVRE, 2001; HARVEY, 2014).

A fase contemporânea das cidades busca equilibrar inovação tecnológica, justiça social e sustentabilidade ambiental. Redes globais de informação, comércio e mobilidade ampliam conexões, mas desafios locais persistem, exigindo respostas participativas, sensíveis às diversidades culturais e territoriais, voltadas à construção de cidades menos gentrificadas, resilientes e humanas.

Bring your alibis
Mirrors on the ceiling,
the pink champagne on ice
And she said: 'we are all just
prisoners here,
Of our own device'
And in the master's chambers,
They gathered for the feast

The stab it with their steely knives,
But they just can't kill the beast
Last thing I remember, I was
Running for the door
I had to find the passage back
To the place I was before
'relax' said the night man,
We are programmed to receive.
You can checkout any time you like,
But you can never leave!

Referências

- [1]. ACSELRAD, Henri. *Ambientalismo E Justiça Social*. Rio De Janeiro: Garamond, 2009. AMUSING PLANET. Massive Outdoor Escalator In Medellín. *Amusing Planet*, 2015. ARCHDAILY. Fernando Botero Library Park / Giancarlo Mazzanti. *Archdaily*, 16 Mar. 2012. ARCHITECTURAL RECORD. Fernando Botero Library Park. *Architectural Record*, 2012.
- [2]. BARD, Kathryn A. *An Introduction To The Archaeology*. Oxford: Blackwell Publishing, 2008.
- [3]. BATY, Scott; MILLARD, Jeremy. *Smart Cities: Understanding The Challenges And Opportunities*. European Commission, 2019.
- [4]. BOXER, Charles R. *O Império Marítimo Português, 1415–1825*. Lisboa: Edições 70, 2002.
- [5]. BRAUDEL, Fernand. *Civilização Material, Economia E Capitalismo: Séculos XV–XVIII*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- [6]. CALDEIRA, Teresa Pires Do Rio. *City Of Walls: Crime, Segregation, And Citizenship In São Paulo*. Berkeley: University Of California Press, 2000.
- [7]. CARBON NEUTRAL CITIES ALLIANCE. Copenhagen The CPH 2025 Climate Plan. 2012. CASTELLS, Manuel. *A Sociedade Em Rede*. São Paulo: Paz E Terra, 1999.
- [8]. CERTEAU, Michel De. *A Invenção Do Cotidiano: Artes De Fazer*. 2. Ed. Petrópolis: Vozes, 2014. CHILDE, V. Gordon. *O Homem Se Faz*. Rio De Janeiro: Zahar, 1978.
- [9]. CHILDE, V. Gordon. *O Que Aconteceu Na História*. Petrópolis: Vozes, 1978.
- [10]. CHOAY, Françoise. *O Urbanismo: Utopias E Realidades*. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- [11]. CITY OF STOCKHOLM. *Stockholm City Plan*. Stockholm City Planning Administration, 2018. CITY OF VANCOUVER. *Greenest City 2020 Action Plan*. Vancouver, 2011.
- [12]. COLAB. *Orçamento Participativo De Porto Alegre*. Colab, 2023.
- [13]. CURITIBA (Município). *Modernizing Bus Rapid Transit*: Curitiba. Prefeitura De Curitiba, 2022.
- [14]. DATA-SMART CITY SOLUTIONS. *How Smart City Barcelona Brought The Internet Of Things To Life*. Harvard Kennedy School, 2015.
- [15]. DIAMOND, Jared. *Armas, Germes E Aço*. Rio De Janeiro: Record, 2005.
- [16]. EBREY, Patricia B. *The Cambridge Illustrated History Of China*. Cambridge Press, 1996. ENGELS, Friedrich. *A Situação Da Classe Trabalhadora Na Inglaterra*. SP: Boitempo, 2010.
- [17]. FELDER, Don; HENLEY, Don; FREY, Glenn. *Hotel California*. Intérprete: Eagles. Los Angeles: Asylum Records, 1976. Arquivo Digital (Spotify).
- [18]. FINN, Neil. *Don't Dream It's Over*. Intérprete: Crowded House. Los Angeles: Capitol Records, 1986. Arquivo Digital (Spotify).
- [19]. FLETCHER, Alexandra. *Digging Up Jericho: Past, Present And Future*. *Journal Of Eastern Mediterranean Archaeology And Heritage Studies*, V. 11, N. 1, P. 132–154, 2021.
- [20]. FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia Do Saber*. Rio De Janeiro: Forense Universitária, 2008. FRANKOPAN, Peter. *As Rotas Da Seda: Uma Nova História Do Mundo*. São Paulo: Objetiva, 2017.
- [21]. FRONTIERS IN DIGITAL HUMANITIES. *Socio-Material Archaeological Networks At Çatalhöyük: A Community Perspective*. *Frontiers In Digital Humanities*, V. 6, 2019.
- [22]. HALL, Peter. *Cidades Do Amanhã: Uma História Intelectual Do Planejamento E Do Design Urbanos No Século XX*. São Paulo: Perspectiva, 2016.
- [23]. HARVEY, David. *A Brief History Of Neoliberalism*. Oxford: Oxford University Press, 2005. HARVEY, David. *A Condição Pós-Moderna*. São Paulo: Loyola, 1992.
- [24]. HARVEY, David. *Cidades Rebeldes*. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- [25]. HOBBSBAM, Eric J. *A Era Das Revoluções: 1789–1848*. São Paulo: Paz E Terra, 2009. HODDER, Ian. *Çatalhöyük: Its Story Continues*. *JSTOR Daily*, Dez. 2024.
- [26]. HODDER, Ian. *Çatalhöyük: The Leopard's Tale*. London: Thames & Hudson, 2010. HOLLANDS, Robert G. *Will The Real Smart City Please Stand Up?* *City*, V. 12, N. 3, P. 303, 2008.
- [27]. HOLSTON, James. *A Cidade Modernista: Uma Crítica De Brasília E Sua Utopia*. São Paulo: Companhia Das Letras, 1993.
- [28]. JACOBS, Jane. *Morte E Vida De Grandes Cidades*. 5. Ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011. KEMP, Barry J. *Ancient Egypt: Anatomy Of A Civilization*. 2. Ed. London: Routledge, 2006.
- [29]. KENOYER, Jonathan Mark. *Ancient Cities Of The Indus Valley Civilization*. Karachi: Oxford University Press, 1998. KENYON, Kathleen M. *Archaeology In The Holy Land*. Harmondsworth: Penguin Books, 1960.
- [30]. LEES, Loretta; SLATER, Tom; WYLY, Elvin. *Gentrification*. London: Routledge, 2008. LEFEBVRE, Henri. *A Revolução Urbana*. Belo Horizonte: UFMG, 2000.
- [31]. LEFEBVRE, Henri. *O Direito À Cidade*. 2. Ed. São Paulo: Centauro, 2009.
- [32]. MARICATO, Ermínia. *O Impasse Da Política Urbana No Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2011.
- [33]. MARTINES, Lauro. *Power And Imagination: City-States In Renaissance Italy*. New York: Alfred A. Knopf, 1979. MAZZUCATO, Camilla; HEWITT, Will; PRADO, Anália. *A Network Of Mutualities Of Being: Socio-Material Archaeological Networks And Biological Ties At Çatalhöyük*. *Arxiv*, 27 Jun. 2024.
- [34]. MELLART, James. *Çatal Hüyük: A Neolithic Town In Anatolia*. Oxford: Mcgraw-Hill, 1967. MENDONÇA, Maria Beatriz Borba. *História Antiga: Egito E Mesopotâmia*. São Paulo: Contexto, 2015. MUMFORD, Lewis. *A Cidade Na História*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- [35]. MUMFORD, Lewis. *The Culture Of Cities*. New York: Harcourt, Brace & Company, 1938.
- [36]. NIGRO, Lorenzo. *Jericho: From The Neolithic To The Bronze And Iron Ages – The Urban Diversity*. *IRIS – Institutional Research Information System*, 2022.
- [37]. OBSERVATORIO DAS METRÓPOLES. *Orçamento Participativo (OP) Alia Democracia, Cidadania Ativa E Justiça Urbana*. 29 Jun. 2023.
- [38]. PORTER, Andrew. *Imperialism And Colonialism: 16th To 21st*. London: Routledge, 2011.
- [39]. POSSEHL, Gregory L. *The Indus Civilization: A Contemporary Perspective*. Walnut Creek: Altamira Press, 2002. POSTGATE, J. Nicholas. *Early Mesopotamia: Society And Economy At The Dawn Of History*. London: Routledge, 1992.
- [40]. RABARI, Chirag; STORPER, Michael. *The Digital Skin Of Cities: Urban Theory And Digital Risk*. *Cambridge Journal Of Regions, Economy And Society*, V. 8, N. 1, P. 27–42, 2015.
- [41]. RECIFE. *Secretaria De Transformação Digital, Ciência E Tecnologia – SECTI*. Recife, 2025.
- [42]. SANTOS, Milton. *O Espaço Dividido: Os Dois Circuitos Da Economia Urbana Dos Países Subdesenvolvidos*. São Paulo: Edusp, 2008.
- [43]. SÃO PAULO (Município). *Participe+: Orçamento Cidadão*. São Paulo, 2024.
- [44]. SASSEN, Saskia. *Cidades Globais: Nova York, Londres, Tóquio*. São Paulo: Studio Nobel, 1998. SASSEN, Saskia. *The Global*

- City: New York, London, Tokyo. Princeton University Press, 2001.
- [45]. SHILLITO, Lisa-Marie; RYAN, Philippa. Surfaces And Streets: Phytoliths, Micromorphology And Changing Use Of Space At Neolithic Catalhöyük (Turkey). *Antiquity*, V. 87, P. 684–699, 2013.
- [46]. SMITH, Monica L. *Cities: The First 6,000 Years*. New York: Viking, 2019.
- [47]. THOMPSON, E. P. *A Formação Da Classe Operária Inglesa*. Rio De Janeiro: Paz E Terra, 1987.
- [48]. WANG, Xiaoyan Et Al. Isotopic And Proteomic Evidence For Communal Stability At Pre-Pottery Neolithic Jericho In The Southern Levant. *Scientific Reports*, V. 13, Art. 16360, 2023.
- [49]. WHEATLEY, Paul; YÜ, Chia-Lin. *Pivot Of The Four Quarters: A Preliminary Enquiry Into The Origins And Character Of The Ancient Chinese City*. Chicago: Aldine, 1971.